

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.



CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

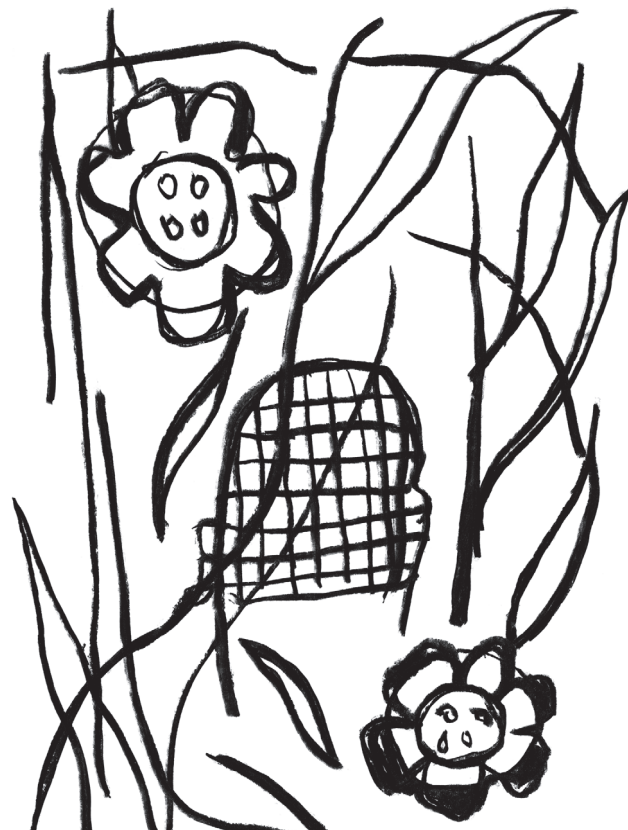


Imagem: Thomas Langley

ACTA - A Companhia de Teatro do Algarve (Faro)
e Companhia de Teatro de Almada (Almada)

ESTREIA

Um gajo nunca mais é a mesma coisa

Texto e encenação de Rodrigo Francisco

Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada)

Sala Experimental

De Qua. **14** a Sex **16**, e de Qua. **21** a Sex. **23** de Julho às **20h30**

Sáb. **17**, Dom. **18**, Sáb. **24** e Dom. **25** às **18h**

Duração: 90 min. • Classificação etária: M/16

Este espectáculo tem som de tiros, de helicópteros e luz estroboscópica

FICHA ARTÍSTICA

Intérpretes

Afonso de Portugal

João Farraia

Luís Vicente

Pedro Walter

Lara Mesquita

Cenografia

Céline Demars

Luz

Guilherme Frazão

Música

Afonso de Portugal

Som

Andreia Mendrico

Figurinos

Ana Paula Rocha

Montagem

Carlos Janeiro

Paulo Horta

Ivan Teixeira

Daniel Polho

Filipe Neves

Agradecimento

Exército Português

Agradecimento especial

Alexandre Pinheiro

Manuel Mendonça

José Vieira Casal

Trazer a guerra no bolso

“A minha mulher chorava por mim, porque um soldado não chora”: diz o protagonista, soldado à força, como os demais, numa guerra que foi sempre mais de outros do que de quem nela combatia. Em *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, o espectador encontrará um conflito bélico já bem distante, que nunca constituiu uma verdadeira memória colectiva, antes uma ferida aberta que se sente na carne, mas que ninguém quer ver, ninguém quer tratar. No evoluir deste espectáculo de teatro, convoca-se um cenário de guerra, onde estão soldados duplamente colocados ao abandono: abandonados, enquanto combatem, abandonados no estatuto de ex-combatentes. Guerra colonial, colonialismo, o fantasma cada vez mais real da extrema-direita, o racismo, globalização e essencialmente a leitura de um passado à luz de um presente e o modo como estes se enfileiram na esteira de um futuro, são os vértices em que se move a peça. É um poliedro de pontos de vista, que se expõem no texto e na dramaturgia em palco; sempre oscilando entre um passado que se viveu (“se não estivermos cá quem contará a história?”) e um presente que o revive e, mais do que isso, o reconfigura. O protagonista, em palco, literalmente, é sempre duplo: o soldado na guerra e nos vários presentes por que passou, após o seu regresso à capital, sempre com a “guerra dentro do bolso.”

“Por conseguinte, por conseguinte”: é aos solavancos, com este bordão de linguagem repetido como um mote pela personagem principal, que se conta, rememora, remói, a história. No entanto, a narrativa da guerra colonial não é, nunca foi, feita nem de continuidade, nem de lógica causal interna, mas de saltos de perspectiva, em constante confronto e clivagem: a vivência dos ex-combatentes no passado; a memória desse passado e a sua presentificação permanente; a visão exterior da condenação subliminar, o olhar externo crítico, aqui, protagonizado pela personagem feminina, estrangeira, racializada, a realizar um pós doutoramento acerca do colonialismo e por isso tão longe das ambiguidades, não da guerra colonial em si, mas do soldado anónimo que a viveu sem escolha: “saímos heróis, regressamos facínoras”, diz o protagonista em dado momento, quando na verdade no teatro de guerra já nem heróis almejavam ser: “só queríamos voltar de lá vivos”.

Chegados ao fim do espectáculo, não é ao passado que o espectador se deixa aprisionar. Qual coro grego, escondido e lúcido, fixando o presente, interpretando-o, a pergunta é feita pela personagem feminina (mulher inglesa, de origem africana, tentando perceber de fora, num mundo globalizado, o colonialismo e dentro dele o caso português: “O que é que nós fizemos de mal, para termos agora esses fascistas todos de volta?”. A peça não dá respostas, mas a pergunta fica a ecoar, assim como o seu reverso, em cada um de nós: “o que fizemos de bem, afinal, neste processo todo?”. | **Pedro Barros**